



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

FRANCISCA IRINEUZA ALVES DE LACERDA PEREIRA

CAMINHOS À APRENDIZAGEM: USO DA LITERATURA DE CORDEL

ITAPORANGA - PB
2014

FRANCISCA IRINEUZA ALVES DE LACERDA PEREIRA

CAMINHOS À APRENDIZAGEM: Uso da Literatura de Cordel

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Regimênia Maria Braga de Carvalho.

ITAPORANGA - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436c Pereira, Francisca Irineuza Alves de Lacerda
Caminhos à aprendizagem [manuscrito] : uso da literatura de cordel / Francisca Irineuza Alves de Lacerda Pereira. - 2014.
36 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Regimênia Maria Braga de Carvalho, Departamento de Educação Física".

1. Literatura 2. Aprendizagem 3. literatura de cordel I.
Título.

21. ed. CDD 398.5

FRANCISCA IRINEUZA DE LACERDA PEREIRA

CAMINHOS À APRENDIZAGEM: Uso da Literatura de Cordel

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviços Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

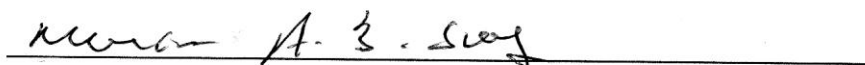
Aprovada em 17/05/2014.

BANCA EXAMINADORA




Prof.^a Dra. Regimênia Maria Braga de Carvalho - Orientadora

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Prof. Dr. Marcos Antonio Barros

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Prof.^a Dr. Alex da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico a toda minha família e a todos aqueles que são apreciadores da Literatura de Cordel, que se fazem o principal motivo de estar concluindo este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado à oportunidade de ingressar no magistério, por me amparar nas dificuldades e incertezas, fazendo das dificuldades, estímulos; das incertezas, um motivo a mais na busca da concretização dos meus ideais.

Quero expressar minha imensa gratidão, por contar convosco que sois, sois para mim, a fonte da sabedoria e a razão de minha existência.

A meu esposo e minha filha, pela dedicação e esforço, que me serviram de estímulo para galgar este caminho e atingir meus objetivos.

Com vocês que sacrificaram suas vidas em prol dos meus ideais, quero compartilhar a felicidade que hoje é evidente em meu rosto, pelo objetivo alcançado.

Aos mestres, que souberam transmitir o saber que lhes acompanha a ilustração e a cultura que portam. Aos amigos que souberam contribuir para o meu conhecimento, com sua amizade, com palavras de carinho no momento certo, com seus conselhos nas horas certas, com os incentivos tão necessários naqueles momentos mais difíceis.

O amor é fruto de todas as estações e está ao alcance qualquer não.

A minha professora Regimênia, bem como ao meu professor Marcos, por ter tido paciência compreensão durante o período de produção do meu trabalho científico.

Nossa relação de amizade é a prova de que tudo que é puro e verdadeiro nos faz bem.

Aos meus colegas de turma com os quais dividi momentos de alegria e dificuldades em busca do saber. A eles meu abraço.

Aos poetas por produzirem poesias encantadoras que embelezam a vida, apesar das dificuldades.

Farejar a riqueza da literatura de cordel, apontando para as suas especificidades, para o que muitas vezes é desperdiçado.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a formação e o término deste trabalho, meus agradecimentos sinceros.

Literatura de Cordel
É poesia popular
É história contada em versos
Em estrofes a rimar
Escrita em papel comum
Feita para ler ou cantar.

A capa é em xilogravura
Trabalho de artesão
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução.

O cordel é uma expressão
Da autêntica poesia
Do povo da minha terra
Que luta pra que um dia
Acabe a fome e miséria
Haja paz e harmonia.

Francisco Ferreira Filho Dinis

RESUMO

A literatura de cordel vem trazer grande contribuição no campo da educação, principalmente no que se refere à construção do pensamento crítico, à formação do mundo de uma pessoa e, até mesmo, à formação do próprio profissional. Muitas são as possibilidades de serem supridas as necessidades do conhecimento literário através da literatura de cordel. O fato principal é que ela surgiu juntamente com a literatura propriamente dita, mas não era explícita e expressa como no dia de hoje. Essa pesquisa teve como objetivo desenvolver um levantamento bibliográfico da Literatura de Cordel tendo como foco a aprendizagem dos alunos. O presente trata justamente da historicidade dessa literatura, mostrando sua atuação na educação, como também, contribuindo com sua identificação nos dias atuais, através das suas várias características de estrofes, métrica, ritmo, rima e organização das frases, entendimento e interpretação, o perfil exigido por ela e, por conseguinte, o perfil de alguns cordelistas, necessário para se entender a estruturação do corpo de cada verso. Com isso, o cordel passa a ser visto como parte integrante e indispensável da literatura brasileira, contribuindo para a compreensão de diferenças regionais, já que se remete à cultura nordestina, dentre outras. Literatura de cordel é poesia popular, é história contada em versos, em estrofes a rimar, escrita em papel comum feita pra ler ou contar.

Palavras-chave: Cordel, educação, historicidade, características.

ABSTRACT

The Cordel literature brings great contribution in the field of education, especially in regard to the construction of critical thinking, the formation of a person in the world and even the formation of the professional himself. Many are likely to be met the needs of literary knowledge through musical literature. The main fact is that it came along with literature itself, but it was not explicit and expressed as today. This research aimed to develop a literature of Cordel Literature with a focus on student learning. This is precisely the historicity of this literature, showing its role in education, as well as contributing their identification today, through its various characteristics of stanzas, meter, rhythm, rhyme and organization of sentences, understanding and interpretation, the profile required by it and therefore the profile of some twine necessary to understand the structure of the body of each line. Thus, the line is seen as an integral and indispensable part of Brazilian literature, contributing to the understanding of regional differences, since it refers to the northeastern culture, among others. Cordel literature is popular poetry, is the story told in verse, in rhyming stanzas, written on plain paper made to read or count.

Keywords: Cordel, education, history, background characteristics

LISTA DE FIGURAS (XILOGRAVURAS)

Figura 1. A professora	26
Figura 2. Fugindo da seca	27
Figura 3. Pastor de ovelhas	27
Figura 4. Mudança do sertanejo	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: LITERATURA DE CORDEL.....	14
1.1 Visão histórica e aspectos principais.....	14
1.2 O que é Literatura de Cordel	15
1.3 Síntese histórica da poesia nordestina	16
1.4 Estrofes, métricas e rima no cordel	17
1.5 Os vários nordestes da Literatura de Cordel	18
1.6 O perfil do cordelista.....	19
CAPÍTULO II: LITERATURA, CORDEL E LEITURA.....	23
2.1 A Xilogravura no cordel.....	25
2.2 A Literatura de cordel como incentivo a leitura	28
2.3 O cordel na sala de aula.....	29
2.4 O perfil de Patativa do Assaré.....	31
2.5 O LEAD	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERENCIAS	35

INTRODUÇÃO

Com o intuito de resgatar e divulgar a literatura de cordel na escola, mediante discussão e perspectiva para o ensino, neste sentido pretende-se com esta pesquisa investigar este gênero literário narrativo, tendo como pontos norteadores, a formação cultural das novas gerações e a interação entre literatura erudita e a popular, motivando os alunos à escrita e a leitura.

A literatura de cordel é assim chamada pela forma como são vendidos os folhetos, pendurados em barbantes (cordão) esticados para se livrar da poeira, encontrados nas feiras livres, mercados, praças e bancos de jornais, vendidos principalmente nas cidades do interior e nos subúrbios das grandes cidades.

É importante o uso dos cordéis no processo de ensino aprendizagem? Acreditamos que a literatura facilitará a escrita e a leitura na expressão individual e na produção de textos. Pois é preciso uma maior consciência da necessidade de retorno às raízes culturais, o que permite analisar as narrativas populares sob um enfoque literário e sociológico. Resgatar o contexto histórico a tradição e a cultura do meio popular, norteando-a para uma aprendizagem mais significativa na disciplina de língua portuguesa.

O cordel representa manifestações expressivas de um sentir popular, cuja compreensão reflete a concepção de uma universa popular parte inesgotável da criação e recriação envolvendo problemas sociais, como as injustiças sociais, a miséria, a fome, a violação dos direitos humanos dentre outros. (DINIZ, 2005, p 471).

Nessa prática, literatura de cordel é poesia popular, é história contada em versos, em estrofes a rimar, escrita em papel comum feita pra ler ou contar.

A literatura de cordel é a arte do povo. Por que a literatura de cordel está morrendo? Viva o cordel! O homem, para poetar não, se exprime tentando encontrar a rima certa, porque ela sai clara e concisa, em certas regiões, a exemplo do sertão nordestino, este tipos de literatura aos poucos estão desaparecendo, porque as tecnologias invadiram o nosso cotidiano, no processo de globalização pelo qual estamos passando.

Hoje a sociedade e a escola não se interessam pelo folheto do cordel e não se preocupa em resgatar esta cultura. Nos trechos do cordel de um poeta popular, como Patativa do Assaré, que pouco frequentou a escola, mas na expressão poética compõe e revela a fé, a crença e a simplicidade do homem nordestino.

“Mesmo sem eu ter Sem ter da escola o bafejo Juazeiro,
eu te saúdo Com o meu verso sertanejo. Cidade de boa
sorte De Juazeiro do norte” (PATATIVA, 2000, p.121).

Nesta perspectiva, a escola necessita rever coletivamente as práticas desenvolvidas para que promova uma educação de maior qualidade e propiciar atividades para despertar o gosto pela leitura dos folhetos de cordel.

O interesse pelo tema abordado surgiu da necessidade de se fazer uma pesquisa e análise dos elementos da cultura popular, podendo dizer que a cultura é elaborada fora do espaço escolar, pois, sendo o folheto de cordel um importante instrumento aliado ao ensino quando introduzido na escola.

No entanto, esperamos que a pesquisa venha contribuir para outros estudos que tenham por objetivo, resgatar não só a literatura de cordel, como também, todas as manifestações advindas da cultura do povo.

CAPÍTULO I: LITERATURA DE CORDEL

1.1 Visão histórica e aspectos principais

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc., a literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na península a literatura de cordel recebeu os nomes de “pliegos sueltos” (Espanha) e “folhas soltas” ou “volantes” (Portugal). Florescente, principalmente, na área que se estende da Bahia ao Maranhão esta maravilhosa manifestação da inteligência brasileira merecerá no futuro, um estado mais profundo e criterioso de suas peculiaridades particulares.

Portanto, a literatura de cordel chegou ao balaio e nos corações dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do nordeste. A pergunta que mais inquieta e intriga os nossos pesquisadores é “Por que exatamente no nordeste?” A resposta não está distante do raciocínio livre nem dos domínios da razão. Como é sabida, a primeira da nação foi Salvador, ponto de convergência natural, de todas as culturas, permanecendo assim até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro. Por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral. Engatinhando e sem nome, depois de relativo longo período, a mesma recebeu o batismo de poesia popular.

Esse tipo de literatura não existe apenas no Brasil, mas, também, na Sicília (Itália), na Espanha, no México e em Portugal. Na Espanha é chamada de pliego de cordel e pliegos sueltos (folhas soltas). Em todos esses locais há literatura popular em versos.

De acordo com Câmara (1939, p.16):

Os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo contador Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No início da publicação da literatura de cordel no país, muitos autores de folhetos eram também contadores, que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão.

Os cordelistas, de modo amplo, encontram nos folhetos uma verdadeira mina para estudos, os mais diversificados. O antropólogo cultural, o sociólogo, o psicólogo social, o historiador, o ficcionista, enfim, cientistas sociais e escritores deparam na literatura de cordel com um acervo imenso de materiais para pesquisas. Porque, antes de tudo, essas modestas publicações do poeta popular revelam e condensam, na sua pureza, a expressão legítima de uma realidade social. O homem de ontem e de hoje, o homem histórico em sua plenitude, com seus problemas, lutos, sofrimentos, religiosidade, ideologia.

O folheto de cordel foi o primeiro jornal do nosso sertanejo, antes do aparecimento nas zonas rurais, do jornal propriamente dito, do rádio, da TV. Levado pelos vendedores ambulantes às nossas feiras do interior e mercados, ele difundia notícias sobre grandes acontecimentos de repercussão internacional, nacional, estadual e local. Notícias e inovações do mundo moderno, da tecnologia, do processo contemporâneo.

Daí porque, outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito à sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegaram gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social.

“Corda, cordão, cordel, coração...”. Cordel está relacionado com o coração, com sua maneira aberta de falar, as informações, ao rebentar no improviso dos cantadores ou ao fluir das narrativas por eles cantadas, na forma primeira da literatura oral.

1.2 O que é Literatura de Cordel

Num ciclo de estudos sobre literatura de cordel, realizado em 1976, em Fortaleza – Ceará, sob o patrocínio da Universidade Federal do Ceará, indagamos ao professor Rymond Cantel, grande estudioso no assunto, qual seria a definição mais compacta que se poderia dar cordel, ele respondeu: poesia narrativa popular.

Segundo Ximenes (2004, p.258) “romanceiro popular nordestino, constituído de poesia improvisada (a cantoria) e de composição literária (o folheto de cordel)”.

O gênero de poesia popular mais prestigiosa no nordeste do Brasil é o “desafio”, o canto de improvisação, alternados entre dois contadores, acompanhados à viola de corda. A origem é peninsular e nos foi trazido pelo português que o houve do árabe (Teófilo Braga) e criou a “desgarrada” e fixou o nome de “desafio”. Toda literatura oral é popular mais nem toda literatura popular é oral.

Neste sentido, só existe uma maneira de identificar o cordel legítimo: é através da análise da ideologia que ele reflete. O poeta popular nordestino é conservador, por excelência, em cada conteúdo dos folhetos, através da linguagem e das ideias que ali transparecem com espontaneidade.

1.3 Síntese histórica da poesia popular nordestina

Estudos revelam que a partir de 1830 é considerado, historicamente, o ponto de partida da poesia popular nordestina. Em torno dessa data nasceram Ugulino de Sabugi (o primeiro contador que se conhece) e seu irmão Nicandro, ambos os filhos de Agostinho Nunes da Costa, o pai da poesia popular.

Nascidos na Serra de Teixeira – Paraíba, entre 1840 e 1850, foi seu contemporâneo os poetas Germano da Lagoa, Romano de Mãe D’água e Silvino Piravá, e já contemporâneos destes, Manoel Caetano e Manoel Cabeleira, são os mais antigos cantadores conhecidos, todos chegaram à década de 1890.

Depois dessa época, até 1920 – afirma o escritor paraibano – “a poesia escrita e oral se tornam coqueluche e os poetas se multiplicaram como moscas, principalmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará”. Só nesse período foram registrados 2.500 (dois mil e quinhentos) poetas populares.

O movimento editoria do cordel inicia-se com Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista e Pirava. Embora se acredite que Leandro e Piravá começaram a publicar folhetos antes de 1900, não existem provas matérias desse fato. Em 1902, Chagas Batista publicou um folheto, em Campina Grande, existe ainda hoje na casa “Rui Barbosa”, no Rio de Janeiro.

A partir dessas datas, Leandro e Piravá dominam o mercado de folhetos de cordel, de 1910, surgem outros nomes de autores de folhetos, como Antônio da Cruz, Joaquim sem Fim, Cordeiro Manso, Manoel Vieira do Paraíso e outros.

Em 1945, Ávila de Almeida vislumbra o que chama de “germe destruidor no comércio de folhetos”. Uma fase de decadência em consequência de novos fatores determinantes das transformações sociais. Como o rádio, o cinema, a aceleração do processo de industrialização do país. A construção de Brasília, a facilidade de novos meios de transporte, estimulando as migrações internas no Brasil. Esses fatores alteraram a mentalidade do homem rural do nordestino, o grande consumidor da poesia popular escrita e oral.

1.4 Estrofes, métricas e rima de cordel

A literatura de cordel se apresenta em estrofes de seis versos ou linhas, sextilhas, a forma clássica. Em menor número, encontramos estrofes de sete sílabas e em décimas. Raramente surgem folhetos em quadras, que era a forma clássica dos primeiros contadores de viola, já foi substituída pelas sextilhas, quando não por uma variedade de formas antigas e modernas.

Os folhetos de temas tradicionais e os da época ou “acontecidos” obedecem àqueles tipos de estrofes (sextilhas, setilhas e décimas). No que se refere aos folhetos de pelejas, ou desafios, a forma é também bastante variada, apresentando-se em mourões, galopes à beira-mar, gemedeiras, etc.

Alguns poetas como Leandro Gomes de Barros, João Martins e outros, eram mais cuidadosos em relação à métrica e rima dos seus versos. Outros mais modernos relaxam um tanto seus versos, aparecendo muito “pé-quebrado”. O bom poeta de cordel já tem o ritmo do verso no ouvido, a música, que flui naturalmente, sem esforço. Outros, embora imaginosos, são duros de roer na sua métrica e rima. É que o poeta popular, em geral, interessa-lhes mais o conteúdo do que a forma de expressão.

Em matéria de rima, há casos engraçado na literatura de cordel, como de resto na poesia popular oral.

Origens essas, no ensaio “Getúlio Vargas na literatura de cordel”, lembra um desses vexames com a rima passada pelo poeta José de Santa Rita Pinheiro Nogueira, ao comentar a célebre carta de Getúlio. Ele ia colocando os trechos da carta e logo a seguir comentando. Em certo momento deparou-se com um problema. Vejamos:

-Da carta: “Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo”.

-Do poeta: “Não sei que faço de novo, não tenho rimas em orças”.

1.5 Os vários nordestes na literatura de cordel

O nordestino consciente de sua formação étnica pode proclamar que é dos tipos brasileiros o mais característico, tanto do ponto de vista genético, quanto sob o ponto de vista cultural. O que não quer dizer que se deva considerar mais brasileiro do que outros mestiços das diversas regiões brasileiras. Apenas é o mais característico, repita-se, em face da harmoniosa miscigenação, das três comuns raízes étnicas: o português, o índio e o negro.

Identificar o nordeste de forma generalizada, como a região das secas, por exemplo, é estereótipo que foge à realidade. O chamado polígono das secas é larga faixa que envolve vários estados. Entretanto, fora dele, os períodos de inverno e verão de verificam como regularidade de cada ano. De maneira que, sendo o nordeste vasto em sua ecologia e na sua composição étnica, a sua herança cultural teria de ser também extremamente variada. A literatura de cordel, por seu turno, não poderia deixar de ser sensível a essas variações regionais.

Por isso, distinguimos três modelos de cordel, que refletem pelo menos três nordestes bastante característicos:

1. O cordel da área rural;
2. O cordel da área urbana;
3. O cordel das metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo).

1.5 O perfil dos cordelistas

Embora seja fácil detectar elementos comuns nos três modelos de cordel, o da área rural, urbana e das metrópoles, sob certos ângulos, entretanto, é possível entrever-nos mesmos algumas características bem diferenciadas.

Parece fora de dúvida que os poetas de bancada (os produtores de folhetos de cordel) eram e são, em grande maioria, pessoas residentes ou oriundas do interior nordestino. Quem examina a linguagem de cordel, principalmente os folhetos mais antigos, os clássicos, logo verifica que eles estão voltados para a realidade e os problemas do homem do campo. O “habitat” tradicional, tanto dos cantadores quanto dos produtores de cordel, sempre foi mais a zona rural. Há uma

predominância de sentido rural na temática dos folhetos de cordel. A maioria das tipografias onde eles foram impressos, interior da Paraíba, Pernambuco, Ceara, etc., também é outro indicador fácil de sua origem interiorana, seja do mundo agrário, pastoril ou da vida nas pequenas comunidades e vilas nordestinas.

O poeta de cordel da área é de toso, o mais conservador. Católico, defensor intransigente do governo, do chefe político local, do juiz, do padre, verberando contra qualquer tipo de mudança social ou cultural.

Na Antologia “literatura popular com versos”, organizada por M. Cavalcanti Proença, para a casa “Rui Barbosa”, op cit, o maior numero de folhetos se refere a acontecimentos e problemas do mundo rural. Já pelos títulos poderíamos identificar enorme quantidade deles, embora não se possa considerar esta uma regra e infalível. Vejamos alguns exemplos mais expressivos..

No cordel “os Horreres do Nordeste”, publicado em Juazeiro no Norte, consta como autor Jose Bernardo da Silva. Sabe-se que Jose Bernardo da Silva era muito mais editor do que produtor de folhetos. Adquiriu, por compra, muitos títulos, inclusive dos clássicos poetas Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde. Outro “A praga de Gafanhotos no Sertão Paraibano”, de Caetano Cosme da Silva, não tem indicação da tipografia, pelo dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada, vol. I Atila de Almeida e Jose Alves Sobrinho. Sabemos que Caetano Cosme da Silva nasceu em Nazareth da mata, Pernambuco, tendo vivido em Itabaiana-Paraíba, e fixando residência em Campina Grande. O emprego de arcaísmos de linguagem, no citado folheto, já nos dá ampla indicação de sua origem interiorana. Vivendo em Campina Grande, entretanto, já transparecem nos seus versos influencias dos modernos meios de comunicação, como o radio, jornais, televisão, e outros. Observem o emprego de um arcaísmo neste fragmento:

No sertão da Paraíba
os pobres estão lamentando
a praga de gafanhotos
que lá estão acabando
toda espécie de lavoura
que no campo está frutando

Cavalcanti Proença anotou o emprego desse verbo no nordeste, “frutar” por “frutificar”, paralelo a “florar” por “florescer”.

Leandro Gomes de Barros (1865-1918), paraibano de Pombal, considerado pioneiro do cordel no Brasil, é típico poeta da área rural, apesar de fixar-se no Recife-Pernambuco, nos últimos anos de sua vida. No folheto “As cousas Mudadas”, há estas sextilhas (p.28):

Hoje se vê uma moça
 Ninguém sabe se é rapaz
 Anda com calca e chapéu
 Pouca diferença faz
 Vê-se até calças de velhos
 Com braguilhas para traz

Os homens de hoje só querem
 Mulher para trabalhar
 A mulher da casa é ela
 Faz tudo que ela ordenar
 Para ser ama de leite
 Só falta dor de momor.

O poeta de cordel da área urbana é ainda um conservador, embora com certa abertura para algumas inovações. Os do passado eram mais inflexíveis, já os da atualidade um Rodolfo Coelho Cavalcante, em Salvador, um Manoel d’Almeida Filho, em Aracaju, um José Soares, no Recife, este falecido em 1981, todos são ou foram mais abertos aos processos de mudança. Mas observamos, não de todo, conservaram ou conservam certo ranço passadista.

Portanto, o chamado poeta-repórter, Jose Soares, não deixava passar um acontecimento de repercussão nacional ou internacional sem escrever um folheto sobre a vida de Roberto Carlos, esperando apenas a morte do cantor para divulgá-lo. Sabendo a “causa-mortis”, ele escreveria apenas mais duas estrofes finais e mandaria rodar o folheto. Em 24 horas, garantia, o cordel estaria nas bancas do mercado. Infelizmente ele viajou para outro mundo e não imprimiu o folheto de Roberto Carlos.

Encontramos, ainda, um dos últimos folhetos de Jose Soares, “A queda do Skylab e o medo do povo” (Recife, 1978), onde coloca o problema da queda da plataforma espacial nestes termos (p.29):

Quando o homem foi à lua
 E retornou num segundo
 Eu fiquei preocupado
 Mas meditando no fundo,

Considerarei a noticia
 O maior blefe do mundo
 Todo isso faz a gente

Não acreditar em sala
Com a queda do Skylab,
Com 20 mil toneladas.
Eu fico triste por que
Não sei matar a charada

Disseram que o satélite
Caia dentro do mar
Ninguém ia mais a praia
Com medo de se banhar
Os pescadores, coitados,
Não entravam pra pescar.

O povo tudo em suspense
Diz aquilo que não sabe
Endoia e bota a cabeça
No lugar que não lhe cabe
E fica tudo com medo
Da queda do Skylab.

Neste sentido, observem o emprego de estrangeirismo não usais no linguajar coloquial do homem nordestino. Vejamos que na realidade estes cordelistas são mais abertos às inovações e seus estilos de cordel são conservados, mais são autênticos ao processo de mudanças.

Para tanto dos poetas nordestinos que residem no Rio de Janeiro e São Paulo, eles estão aculturados plenamente ao novo meio onde vivem. Utilizam os termos de gíria carioca, sua ideologia é, praticamente, a do homem comum do Rio de Janeiro e São Paulo, para quem, na verdade, estes escrevem. Temas polêmicos como o divórcio, que o poeta da área rural ainda condena, eles aceitam tranquilidade, é aplaudido por eles.

Vejamos alguns exemplos: Joaquim Batista de Sena, paraibano de Solânea (1912), poeta e tipógrafo, morou em fortaleza e depois se transferiu para o Rio de Janeiro. Continua escrevendo e vendendo folhetos. Dele é a “Historia do deleate do papa de Roma com Roberto Carlos”, que nos parece típico do nordestino que emigra para o Rio de Janeiro. Já utiliza normalmente termos de gírias difundidos pelo radio e pela TV:

Vou chamar primeiramente
O grande rei do hippysmo
O Senhor Roberto Carlos
Com todo seu cafonismo
Pois foi ele quem mudou
A lei do cristianismo.

Talvez por ser homem de idade madura, condena a presença da chamada “musica jovem” nas igrejas, responsabilizando Roberto Carlos pelo fato quando diz:

Levou todo iê-iê-iê
Guitarra dança e bazé,
Rosário, cruz, baluludos.
Pra dentro da Santa Sé
E cantar perante os santos
Cantigas de cabaré...

Também denuncia a cumplicidade do clero, na mudança, ao afirmar:

Hoje em dia o grande santo
Que o povo está venerando
Em rádio e televisão
É seu Roberto cantando
Jesus eu estou aqui
Com todo o clero apoiando.

Não se esqueça de malhar a igreja por ter mudado até o Padre-nosso:

Agora tudo mudou
Cada dia é uma dúvida
Cada dúvida uma contenda
Pois até no padre-nosso
Foi necessária uma emenda

Portanto, vejamos o sofrimento de quem viaja nos tens noturnos do Rio está expresso nesta estrofe:

O que se sente, recebe
Logo um chute na canela
Aí a negrada invade
Cabine, porta e janela
Se o trem demora parado
Negro ali fica suado
Que só tampa de panela

Observa-se que cada um dos poetas estudado tem suas características próprias do meio em que vivem, nos folhetos analisados registram os acontecimentos mundiais, brasileiros e locais, que devem ser considerados como fontes históricas. Suas informações, em muitos sentidos, são dignas de créditos, sobretudo quando se referem a acontecimentos importantes, que permitem na leitura publica o suspense sensível em agradar seu publico.

CAPÍTULO II: LITERATURA, CORDEL E LEITURA

A literatura de cordel, em uma simples definição, é uma forma poética de narrativa popular, impressa em folhetos, que a partir da bibliografia sobre a referida literatura, passou a ser chamado de Cordel, devido ficarem pendurados em cordões ou barbantes, expostos à venda nas feiras, mercados, praças e bancas de jornal, principalmente nas cidades do interior e nos subúrbios das grandes cidades.

Não há precisão da data em que se iniciou a Literatura de Cordel. Em buscas feitas encontrou-se uma grande disparidade entre as datas, uns adotam o século XII, como relata a reportagem do jornal Mundo Lusíadas, por Costa Filho de 02/Abril/2007.

A “Literatura de Cordel” vem de Portugal, começou ai por volta do início do século XVII (século 17), mesmo porque, a poesia é eterna, vem da alma dos poetas, dos declamadores, dos cancioneiros e temos notícias já do século XII (século 12), quando ainda falava-se o português arcaico, de poesias que ficaram gravadas para a posterioridade, como do poeta dessa data: João Rodrigues de Castelo Branco (COSTA FILHO, 2007, *online*).

O Jornal Lendo.org de 17 abril 2009 apresenta as primeira manifestações de Literatura de Cordel, mostrando-a como um dos primeiros núcleos da cultura mundial relatando que havia manifestações dessa literatura popular no ocidente por volta do século XII no sul da França, onde os peregrinos se encontravam em direção à Palestina no norte da Itália, para chegar a Roma e ainda na Galícia no Santuário de Santiago.

Descrevendo que nesses encontros eram transmitidos os primeiros versos compostos de forma muito primitiva, essas histórias seguiam acompanhadas de instrumentos de música, dessa forma espalharam-se pela Europa e, posteriormente, pela América. Retomando a pauta da incoerência cronológica, Linhares descreve a data do apogeu do Cordel em Portugal que perdura paralelamente com os românticos do século XVI ao XVIII, segundo Linhares (2006, *apud*, Santana, 2009, *online*):

A literatura de Cordel teve sucesso, em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII. Os textos podiam ser em verso ou prosa,

não sendo invulgar trata-se de peças de teatro, e versavam sobre os mais variados temas. Encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo históricos moralizantes, etc., não só de autores anônimos, mas também daqueles que, assim, viram a sua obra vendida a preço, como Gil Vicente e Antônio José da Silva, o Judeu. Exemplos conhecidos de literatura de Cordel são histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França, A princesa Magalona, histórias de João de Calais e A Donzela Teodora (LINHARES, Thelma R. S. 2006).

Linhares mostra, portanto, que essa forma de literatura podia ser apresentada em forma de teatro, e que não só os anônimos escreviam os Cordéis, mas também os grandes nomes como Gil Vicente e Antônio José da Silva, relato este que leva a crer que Cordel não é uma literatura vulgar. Consagrado então na Europa e chegado ao Brasil pelas mãos dos Portugueses, aos poucos foi se tornando cada vez mais popular principalmente no Nordeste e no Sul do País regiões que apresentaram o mundo com grandiosos nomes nessa arte. Segundo Fonseca dos Santos (1999, online):

A literatura de mascate, de cordel ou folhas volantes, esteve provavelmente presente no Brasil, como no resto da América Latina, desde os tempos coloniais: documentos comprovam o embarque regular de pliegos, sueltos para as colônias espanholas. Contudo, o primeiro folheto brasileiro, encontrado por Orígenes Lessa, é datado de 1865 e foi publicado no Recife. Escrito sobre o modelo de testamentos de animais, tão apreciados pela literatura de cordel portuguesa, ele contém alusões a acontecimentos da vida pernambucana que comprovam sua escritura brasileira. A partir de 1893, a literatura de folhetos constitui, aos poucos, um conjunto complexo e independente do sistema literário institucionalizado com seus poetas e suas editoras que, até os anos 1960, pertencem frequentemente a poetas. Esta literatura tem suas próprias redes de comercialização (os mascates), sendo vendida nas feiras, nas estações ferroviárias e rodoviárias, e até nas ruas.

Muzart Santos narra, no trecho acima, que nos tempos coloniais dos folhetos de Cordel faziam parte das expedições para a América Latina, mostrando-nos que essa arte não é apenas privilégio das colônias de Portugal, a autora narra também, a existência de documentos comprobatórios quanto ao registro de data de publicação do primeiro Cordel genuinamente Brasileiro.

Linhares (2009 online) reflete que por toda essa linha histórica e de desenvolvimento da Literatura de Cordel, houve previsões pragmáticas e de dúvida sobre sua estabilidade em pleno século XXI, pensou-se que não resistiria em meio à era tecnológica, mas contrariando até mesmo os mais pessimistas o Cordel e os cordelistas evoluíram junto com a aplicação dos conhecimentos científicos a serviço dos antigos folhetos, cordelistas anteriormente semianalfabetos hoje, já são doutores, e as fronteiras do preconceito com essa arte, muitas vezes classificada com subliteratura ou literatura de incultos rompeu-se, se difundindo e passando a ser respeitada, apreciada e vista como rica e original, entre todas as camadas de leitores, tornando-se inclusive, alvo de estudiosos. Para Linhares (2009 online): A literatura de cordel continua um expressivo meio de comunicação.

Neste século XXI, apesar da morte, tantas vezes anunciada, Felizmente, enquanto expressão cultural permanece adaptada, reinventada, no desempenho de suas funções sociais. Informar, formar, divertir, socializar ou poetizar, conforme os diferentes temas que retrata e o enfoque abordado. Da oralidade, lá em suas origens remotas, à era tecnológica, hoje, é real a transformação e adaptação, compatível à própria evolução da humanidade funções sociais. Informar, formar, divertir, socializar o poetizar, conforme os diferentes temas que retrata e o enfoque abordado. Da oralidade, lá em suas origens remotas, à era tecnológica.

2.1. A xilogravura no cordel

Aspecto de grande importância do cordel, a xilogravura de suas capas. Sabe-se que o cordel antigo não trazia xilogravuras. Suas capas eram ilustradas apenas com vinhetas, pobres arabescos usados nas pequenas tipografias do interior nordestino. A partir da década de trinta, surgiram folhetos trazendo nas capas clichês de artistas de cinema, fotos de postais, retratos de Padre Cícero e Lampião.

Destaca o pesquisador Joseph M. Luyten, no ensaio A xilogravura popular brasileira e suas evoluções, os xilográficos: Abrão Batista, Juazeiro; Ciro Fernandes, Rio de Janeiro; Jose Costa Leite. Condado; Marcelo Alves Soares, São Paulo; Minervino Francisco Silva, Itabuna; Gonçalves de Oliveira, Recife. J. Borges, Bezerros.

No Brasil, a gravura erudita começa em 1912, com a exposição do artista alemão Lasar Sagall, em São Paulo, outro artista importante desse gênero de arte

foi Oswaldo Coeldi, Carioca, filho de suíços, professor da escola de Belas Artes, que deixou discípulos distintos, como Lívio Abramo, Yolanda Mohaliy, Carlos Sdiar, todos também xilógrafos.

Portanto, para alguns estudiosos, este é o único elo existente entre os folhetos do Nordeste Brasileiro e a literatura de cordel de Portugal, visto que existe grande diferença de estrutura, apesar de posições contrária de outros.

Afinal, não fora até hoje alcançada a base tangível dessa cultura desenvolvida no nordeste brasileiro, assim como sempre existe problematização em termo da origem de todas as coisas, dentro dos mais variados segmentos.

Segue-se a apresentação e análises de algumas xilogravuras do cordel:



Figura 1 – A professora – Xilogravura de J. Borges. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>



Figura 2 – Fugindo da seca – Xilogravura de J. Borges. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>

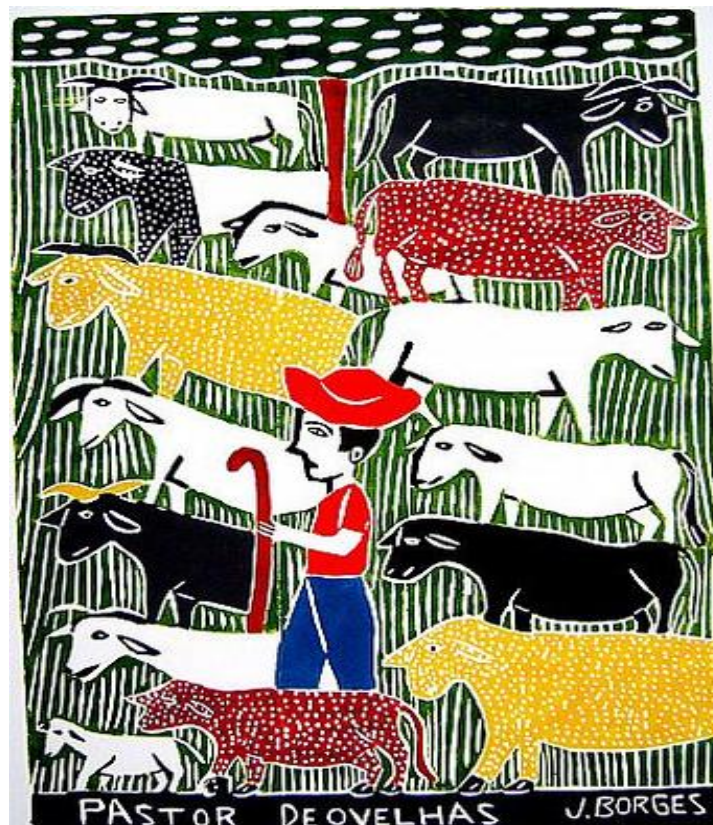


Figura 3 – Pastor de ovelhas – Xilogravura de J. Borges. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>



Figura 4 – Mudança do sertanejo – Xilogravura de J. Borges. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>

2.2. A literatura de cordel como incentivo a leitura

Diante dos desafios didáticos pedagógicos, buscam-se textos de fácil compreensão, para despertar nos alunos o gosto pela leitura. Neste mesmo intuito espera-se que os alunos ao terem contato com essa leitura sintam entusiasmo e busquem outras literaturas. GALVÃO (2002, *online*), desenvolveu pesquisa onde constatou que “A maioria dos entrevistados destacou a leitura de folhetos como fundamental para desenvolver as competências de leitura”. Entende-se que a construção de leitores críticos e conscientes se dá em um processo lento e gradativo. O leitor iniciante através dos textos de Cordel sente-se capaz de ler e concluir a leitura, pois os mesmos oferecem essa possibilidade por serem de fácil compreensão e falam da realidade de quem os lê. Para Freire (2003) que, acreditava que a leitura do mundo começa desde a família, com o ensinamento dos pais, o contato com a natureza e com o convívio social. Essa leitura antecede o conhecimento dos signos que, a pessoa adquire na escola.

A Literatura Cordeliana vem carregada de contextos históricos, fala da vida simples e difícil das pessoas, quando trabalhada em sala de aula ajudará o professor a fazer com que o aluno seja sujeito do conhecimento e se sinta parte deste conhecimento. Galvão (2002, *online*), destaca que: “Muitos estudos realizados

sobre literatura de Cordel no Brasil apontam o papel dos folhetos na alfabetização de um significativo número de pessoas [...]”, essas pessoas por terem muito interesse nas histórias do Cordel viam-se inevitavelmente levadas a aprender a ler, para que soubessem o que estava escrito e poder repassar essa leitura e interpretação para as pessoas que as cercavam. Segundo Almeida (1963).

Os folhetos são eficazes, justificando que os versos são escritos de maneira a facilitar as sessões coletivas de leitura em voz alta, o que traz a mediação. A literatura de folhetos produzida no Nordeste brasileiro desde o final do século XIX coloca homens e mulheres pobres na posição de autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas. Em geral, associam-se esses papéis a pessoas da elite se não financeira, ao menos intelectual, mas, no caso dos folhetos, gente com pouca ou nenhuma instrução formal envolve-se intensamente com o mundo das letras, seja produzindo e vendendo folhetos, seja compondo e analisando versos, seja lendo e ouvindo narrativas. O sucesso dos folhetos deve-se a um conjunto de fatores, entre os quais se destaca a forte relação com a oralidade mantida por essas composições. (ABREU, MÁRCIA, 2004, *online*).

O leque da Literatura de Cordel é tão extenso que a partir de uma aparentemente simples roda de amigos ao fim do dia para ouvir histórias rimadas, cantadas, declamadas ou recitadas (um verdadeiro sarau), surge à possibilidade de formar-se deste ponto autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas, pois brota aí um envolvimento tão profundo e valoroso com o mundo das letras que as barreiras da falta de uma maior instrução intelectual são rompidas para o portal do conhecimento.

Percebe-se com clareza que uma literatura relativamente simples como a de cordel, pode sim influenciar grandiosamente, quem sabe, imensuravelmente de maneira positiva no quesito incentivo à leitura.

2.3. O cordel na sala de aula

Rasgar as amarras do preconceito faz parte da construção da educação, e é rompendo com o óbvio modelo de ensino de leitura que surge a “figura” da Literatura de Cordel na sala de aula como incentivo à leitura, em um mundo cada vez menor e alunos cercados de tecnologia, faz-se necessário lançar mão de artifícios para atrair a atenção dos alunos para a leitura, visando à necessidade de promover o

desenvolvimento pelo prazer de ler, incitando-os a ter uma aproximação maior com os livros, usando o Cordel como ponto de partida para causar interesse pela busca de novos tipos literários.

Nesse contexto de trocas materiais e culturais, de busca pela informação e posterior utilização desta par construção do conhecimento, a linguagem se inscreve como sistema mediador de todos os discursos. Em função dessa potencialidade de mediar nossa ação sobre mundo (declarando e negociando), de levar outros a agir (persuadindo), de construir mundos possíveis (representando e avaliando), aumenta a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textos e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002, p. 10).

Atrelado a uma boa leitura está à boa interpretação, boa escrita e facilidade em se expressar oralmente, o trabalho de leitura precisa ser incentivado e exercitado continuamente para que possa tornar-se concreto.

Interpretar é atribuir, explicar sentido, ao passo que compreender é saber como produzir sentido, é perceber as intenções. Ao considerarmos o sujeito inserido em formações discursivas que são determinados sócios historicamente, entendemos que sujeito é sentido se constituem reciprocamente. Assim, para interpretar e compreender, acionamos outros discursos, buscamos outras vozes, contamos com outros textos, mobilizamos diferentes posições. Ideológicas, conhecemos diferentes gêneros textuais. O que estamos defendendo é que ler não se resume a decodificar e buscar informações. (CRISTÓVÃO; NASCIMENTO, 2006, p. 45)

A versatilidade do Cordel permite aos professores que trabalhem a transversalidade em sala auxiliando no desenvolvimento das competências da leitura, independente do componente curricular que trabalhe, pois a literatura cardealina aborda os mais diversos temas, fazendo-se um grande parceiro para a sala de aula, dependendo apenas de planejamento para facilitar a orientação do conhecimento que será repassado aos alunos. Estreitar os laços do Cordel na sala de aula implica em mostrar a vigor cultural do Cordel como ferramenta para didática na educação.

O professor que lida com textos e depende dos textos para ensinar os conteúdos das respectivas disciplinas precisa conscientizar-se de que, também ele, ensina o aluno a ler e a escrever. Compete-lhe, portanto, independentemente da área de conhecimento em que atue alertar e orientar seus alunos para a adequação e a justeza da expressão verbal, pelo menos no que se refere à consistência do raciocínio e à propriedade de sua formulação no texto. Esta propriedade envolve os recursos de incorporação /apropriação da fala alheia (citações, referências, textualizações), o vocabulário, a pontuação, os meios de conexão e de encadeamento das orações, período (AZEREDO, 2005, p 41).

Levar o cordel para a sala de aula é contextualizar o aluno no meio social e fazer discurso com outras disciplinas como história, geografia e artes. É reafirmar a literatura de cordel como identidade não somente do povo nordestino, mas do povo brasileiro. Por conseguinte, é sempre importante ressaltar, que a sociedade contemporânea não valoriza a cultura popular, deixando-a a margem do processo educativo, mascarando por vezes, sua riqueza, esta perdida no tempo e no esquecimento.

2.4. Perfil de Patativa do Assaré

Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, foi um poeta, compositor e improvisador brasileiro. É considerado um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina.

Patativa do Assaré (1909-2002) nasceu no município de Assaré, interior do Ceará, a 623 km da capital Fortaleza. Filho dos agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva. Ainda pequeno ficou cego do olho direito. Órfão de pai aos oito anos de idade começou a trabalhar no cultivo da terra, para ajudar no sustento da família. Com pouco acesso à educação, frequentou durante quatro meses sua primeira e única escola e sem interromper o trabalho de agricultor, aprendeu a ler e escrever e se tornou apaixonado pela poesia.

Logo começou a fazer repentes e se apresentar em festas locais. Antônio Gonçalves da Silva recebeu o apelido de Patativa, pois sua poesia era comparada à beleza do canto dessa ave. Foi casado com Belinha, com quem teve nove filhos. Com vinte anos começou a viajar por várias cidades nordestinas e diversas vezes se apresentou na Rádio Araripe.

Com uma linguagem simples, porém poética, retratava em suas poesias, o árido universo da caatinga nordestina e de seu povo sofrido e valente do sertão. Viajou para o Pará em companhia de um parente José Alexandre Montoril, que lá morava, onde passou cinco meses fazendo grande sucesso como cantador. De volta ao Ceará continuou na mesma vida de pobre agricultor e cantador. Sua projeção em todo o Brasil se iniciou a partir da gravação de "Triste Partida" em 1964, toada de retirante de sua autoria gravada por Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.

2.5. O LEAD

Os Leads contem o fato principal (mais importante ou interessante) dentro de uma serie de outros acontecimentos. O lead contem, ainda, todos os complementos e circunstancias que dão sentido ao fato principal.

Os folhetos noticiosos da Literatura de Cordel também se iniciam pelo aspecto mais importante dentro do assunto escolhido para ser abordado e transformado em versos. Ou seja, os elementos de interesse da noticia (O quê? Quem? Como? Onde? Por quê? Para quê?) conscientemente ou não, são facilmente encontrados na mobilidade noticiosa do cordel.

Como exemplo, pode-se observar as duas primeiras estrofes do folheto "Lula: um metalúrgico que virou presidente", do cordelista Pedro Queiroz (2003, p. 14):

A fé e a esperança
Que o homem tem na mente
São virtudes que Deus dá
Àquele que é um operário
Defensor de seu salário
Pode ser um presidente

Foi com sua persistência
Muita determinação
Que esse Pernambuco
Sem diploma ou pistolão
Conseguiu o seu intento

Com grande merecimento
Ganhou historia eleição

Os primeiros versos retratam, com finalidade, o desfecho da trajetória política e pessoal de Lula. São o lead da noticia. Dessa forma, entende-se o lead como a

real informação dentro de acontecimentos diversos, sejam eles sociais, políticos, culturais, econômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muitos estudiosos acreditassem no desaparecimento do folheto de “ocasião” da Literatura de Cordel ante o avanço da tecnologia, dos meios de comunicação de massa, esse tipo de comunicação popular continuou, ainda hoje, continua desempenhando seu papel fundamental na sociedade.

O público de cordel gosta de ver o posicionamento do poeta acerca dos fatos, a maneira inteligente como ele conduz a história e, principalmente, a confiabilidade das informações que eles passam nos folhetos circunstâncias.

Os cordéis noticiosos não podem ser chamados de jornalísticos por que não se encaixam nas exigências do jornalismo. A exemplo da periodicidade e da atividade, eles possuem elementos de interesse da notícia, informações e detalhes que, mesclados com opinião, tornam este meio de comunicação popular único.

Consideramos os folhetos de cordel como fonte para a busca do nosso objetivo de pesquisa, que na verdade permeia em um mundo longínquo da primeira ideia, revelando as condições e características do poeta a busca do imaginário.

Acreditamos que o presente trabalho realizado nesta monografia, contribuirá plenamente para a divulgação da obra presente na leitura de cordel para realização do mesmo foi necessário recorrer a muitas leituras e releituras a respeito do nascimento do cordel, dos folhetos, cordéis para todos os gostos e todas as idades, para criança, jovens, leitores em geral que não têm uma convivência com essa riqueza, presente na literatura de cordel.

Certamente, o nosso trabalho alcançou o objetivo almejado. Foi um vasto caminho a ser percorrido como pesquisadores, haja vista essa reflexão, induzir-se-á a um aprofundamento da perspectiva psicológica e sociológica, em que poderão ser sugeridas, propostas de interesse acadêmico, dando possibilidade ao descobrimento do que é cordel na literatura popular.

Concluimos que é de grande contribuição, pois apresenta subsídios suficientes para pesquisa, como também uma reunião vasta de bibliografias que, com certeza, suprirá a necessidade de muitos dos apreciadores da leitura de cordel, bem como da literatura e da gama cultural como um todo.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **ABC do nordeste flagelado**. In: Uma voz do nordeste. São Paulo. Hedra. 2000, p. 121-123

Biografia de Patativa do Assaré. Disponível em pensador.uol.com.br/autores. Acesso em 24/04/2014.

CASCUDO, Luís Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Porto Alegre: Globo, 1939. P 16.

CASA RUI BARBOSA. **Literatura popular em versos: antologia tomo III**, Rio de Janeiro, MEC, 1998.

Disponível em: <[http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista10_res%20livro_2010-5. Hm](http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista10_res%20livro_2010-5_Hm)>. Acesso em: 11/02/2014.

Disponível em: <<http://www.casadaxilogravura.com.br/xilo.html>>. Acesso em: 08/02/2014.

Disponível em: <http://www.mundolusiada.com.br/COLUNAS/ml_coluna_023.htm>. Acesso em: 13/02/2014.

Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/cordel90.htm>>. Acesso em: 11/02/2014. Disponível em: <<http://diariododado.com.br>>.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1985.

GASPAR, Fontes Lúcia. **Literatura de Cordel**. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 10/02/2014.

GUINSKI, Andrade Deise Lilian de **Metodologia do Ensino de língua portuguesa e estrangeira**. Curitiba: Ibpex, 2008.

GOLDEMBERG, Mirian **Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa e qualitativa em Ciências Sociais**. 7 ed. Rio de Janeiro. Record. 2003.

LINHARES, Thelma R. S. **A história da Literatura de Cordel**. Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/cordel101.htm>>. Acesso em: 11/02/ d 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia científica**. 6º Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

Pesquisa Qualitativa, Características, usos e possibilidades, Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>, acesso em. 12/02/14

SUASSUNA, Ariano. **Romana da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e Volta**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

XIMENES, Sergio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: revista e ampliada. 2004.